

# Inventário de estilos arquitetônicos da cidade de Santos

outubro de 2011

**Elaboração**

**E&M** Ensino e Memória Produções Editoriais

**Coordenação e redação**  
**Pesquisa**

Arnaldo Ferreira Marques Júnior  
Anna Cristina Rodopiano de Carvalho

**Apoio**

**Seota - Condepasa**

**Prefeitura Municipal de Santos**

## Sumário

<b>Introdução</b>	4
<b>A Colônia e o barroco</b>	5
<b>Neoclássico</b>	15
<b>Ecletismo</b>	21
Belas artes	28
Neorrenascentista	30
Toscano	31
Neogótico	32
Neomanuelino	34
O estilo “inglês”	35
<b>A superação do ecletismo</b>	36
<i>Art Nouveau</i>	36
Neocolonial	38
<i>Art Déco</i>	41
<b>Os modernismos</b>	44
O modernismo Racionalista	45
Modernismo Orgânico	48
Brutalismo	49
<b>A arquitetura vernácula</b>	51
<b>Créditos das imagens</b>	53
<b>Bibliografia e Fontes</b>	54

## Introdução

A cidade de Santos possui uma história urbana de quase 470 anos. Nesse longo período, foi construída uma infinidade de edifícios, seguindo o estilo arquitetônico de cada época.

Após quase cinco séculos de construções, reformas e demolições, a massa de edifícios que compõe a cidade se apresenta hoje como um caleidoscópio de formas e cores, idades e funções. Longe de ser uma massa caótica, são registros preciosos das várias fases por que passou a cidade ao longo do tempo, assim como os estratos nas rochas são registros das eras geológicas do planeta.

Estudar esses registros arquitetônicos é, portanto, fundamental para a compreensão da história santista. E a melhor forma de fazer esse estudo é unindo a História e a Arte, isto é, as informações sobre os processos sociais, econômicos e mentais nos quais as pessoas estão inseridas em seu tempo com os rótulos estéticos que são os estilos arquitetônicos.

O inventário a seguir lista os mais importantes estilos e sub estilos arquitetônicos existentes no município de Santos, apresentando os principais edifícios identificados a cada estilo e, igualmente, o contexto histórico que explica e informa as opções estéticas.

Conhecer historicamente os estilos e usar esse conhecimento para 'ler' os edifícios que nos cercam é um dos instrumentos que permitem entender a cidade em que vivemos, pensar em soluções para nossos problemas e planejar uma cidade melhor para todos.

## A Colônia e o barroco

### Santos colonial

Dos quase 470 anos de existência do núcleo urbano de Santos, cerca de 280 anos foram passados durante o chamado “período colonial”. Nessa fase foram construídas as primeiras casas, igrejas e conventos, no pedaço de chão situado entre o Monte Serrat e o estuário.

Em termos simplificados, pode-se dizer que a urbanização de Santos começou c. de 1543 onde atualmente situam-se as praças da República e Antonio Telles, no Centro da cidade, junto ao antigo Outeiro de Santa Catarina, demolido no século XIX. Nessa área, foram construídas as primeiras igrejas e, após a criação da vila, c.1546, a Casa da Câmara e Cadeia, que foi doada aos jesuítas em 1585 para servir de sede do Colégio da Companhia de Jesus.

Daquele ponto, as casas foram se expandindo na direção oeste, sempre junto ao estuário, no sentido do Valongo, onde, em 1640, os franciscanos construíram uma igreja e um convento.

Durante quase 300 anos, a expansão urbana de Santos limitou-se a preencher com casas e armazéns o espaço que ia da atual praça Antonio Telles até o Santuário do Valongo. O crescimento lento da população – algo como cem pessoas por década – se traduzia em uma expansão também lenta da área urbanizada.

A economia girava em torno da importação do sal, do qual o porto santista possuía o monopólio na capitania, e da transação de produtos de menor valor, como a cachaça e a rapadura das engenhocas litorâneas, o arroz, o toucinho, a marmelada do planalto. Dos produtos valiosos da época, como açúcar ou tabaco, havia pouco ou nenhum. Do ouro descoberto por paulistas nas Gerais, também pouco chegou ao litoral.

Ao final do século XVIII, a exportação do açúcar produzido no interior da Capitania animou o porto e a economia local, mas não acelerou o crescimento da vila a ponto de fazê-la romper os limites seculares.

Nessa malha urbana relativamente pequena e pobre, a regra era conservar, adaptar, reaproveitar os edifícios mais antigos, construindo novas casas apenas quando totalmente necessário.

Em Santos, usava-se pouco a técnica, comum serra-acima, de levantar paredes de barro socado. A fartura de granito nos morros que rodeavam a vila, e a umidade que dissolvia tudo, incentivaram o uso de paredes de pedra. Seguindo técnicas portuguesas, essas paredes eram formadas por blocos de pedra irregulares, que iam sendo unidos por uma argamassa firme de barro, óleo de peixe ou baleia e cal de sambaqui.

Seguindo o uso da época, as paredes eram grossas, pois o telhado era sustentado apenas por elas. Quando se tratava de sobrado, mais grossa ainda devia ser a parede, que devia sustentar os pisos superiores, além do telhado.

Revestiam-se as paredes com cal, medida antes de tudo higiênica, determinada pelas leis, que conferia à paisagem urbana uma característica cor branca. O gosto estético não permaneceu imóvel, acompanhando o que ocorria na Europa, mas seguiu, do século XVII ao XVIII, um só estilo, o barroco.

## O barroco

Em termos eruditos, o estilo que caracteriza os séculos XVII e XVIII, período central para a colonização portuguesa na América, é o barroco.

O estilo barroco integra-se ao conjunto de atitudes tomadas pelos católicos em face da Reforma Protestante. Os protestantes mais radicais pregavam uma religiosidade sem vaidade ou luxo, em igrejas que não podiam receber ornatos nem imagens. Em oposição, os católicos trilharam o sentido oposto, investindo em uma estética teatral, dramática, altamente sensorial.

A chamada Contrarreforma católica determinava que as igrejas exibissem um aspecto espetacular, voltado para inebriar os sentidos e os sentimentos.

No interior dos edifícios, pinturas por todos os lados; esculturas policromadas postas em altares monumentais; uso profuso de linhas curvas,

retorcidas, complicadas; personagens sacras pintadas ou esculpidas exibindo feições de dor, de arrebatamento, de violenta emoção.

Nas fachadas, a aposta nas linhas curvas, nas volutas, nos medalhões em pedra entalhada, e nos rendilhados de pedra lavrada percorrendo as paredes. Este é o barroco, a resposta estética do catolicismo ao protestantismo.

Como a Igreja católica é, intrinsecamente, uma instituição internacional, as novas formas estéticas criadas em Roma rapidamente chegavam à América portuguesa, trazidas por padres e freis de várias partes da Europa, muitos deles italianos ou com passagem por Roma.

Contudo, o barroco nas colônias luso-americanas não era homogêneo. As regiões mais ricas cobriam suas igrejas de ornatos e ouro, enquanto nas regiões mais pobres adotavam uma versão mais simples do barroco. É o caso do litoral vicentino / paulista.<sup>1</sup>

## Santos e o barroco

### As igrejas

No antigo litoral vicentino / paulista – que se estendia, grosso modo, de Paranaguá, no sul, a Paraty, no norte – as igrejas apresentavam, em sua composição arquitetônica e ornamentação externa, um barroco simplificado, estando ausentes os complicados trabalhos de cantaria lavrada que caracterizam as igrejas barrocas das regiões ao norte do Rio de Janeiro.

A vila de Santos não fugia à regra, exibindo igrejas nas quais predominavam as fachadas lisas, caiadas de branco, com frontão curvo, e vãos – portas, janelas e óculos – rematados por singelas molduras em cantaria.

Das cerca de dez igrejas barrocas que, em tempos diferentes, existiram na vila de Santos, cinco foram ao menos parcialmente conservadas.

---

<sup>1</sup> A Capitania chamou-se São Vicente até 1683, quando a capital mudou-se do litoral para São Paulo. A partir de então, o termo “paulista”, antes ligado apenas à vila de São Paulo, passa a designar toda a capitania, que abrangia o território do atual estado do Paraná e a vila de Paraty.

A mais antiga de todas as igrejas barrocas santistas sobreviventes é a capela dedicada a **Nossa Senhora do Monte Serrat**, instalada por volta de 1605 no alto do então Morro de São Jerônimo. Trata-se de uma devoção originária da Catalunha (atual Espanha), onde se situa a cordilheira de Montserrat, local de um antigo mosteiro em honra da Virgem Maria. O fato de esse culto ter se disseminado também na América portuguesa foi facilitado pela união das Coroas de Portugal e Espanha entre 1580 e 1640.

A forma atual da capela do Monte Serrat santista é, possivelmente, fruto de reformas ocorridas no século XVIII, quando a maior parte das igrejas locais foi remodelada. Caracteriza-se por um frontão arrematado por volutas e torre sineira única, quase da altura da nave da capela.

Fotografia: Tadeu Nascimento



Capela de Nossa Senhora do Monte Serrat. Fotografia sem data.

O segundo conjunto mais antigo é o **convento franciscano de Santo Antonio**, hoje chamado de Santuário de Santo Antonio do Valongo, construído a partir de 1640 e concluído em 1691.

O claustro, que ficava ao norte da igreja, foi demolido em 1861, durante as obras de implantação da ferrovia de Santos a Jundiaí.

A igreja e a ala sul do convento escaparam da demolição e são hoje um dos principais exemplares de arquitetura franciscana no Brasil.

A igreja é particularmente notável, com as proporções clássicas da fachada: os três arcos plenos na galilé encimados por três portas balcão. Após uma cornija saliente, o frontão é arrematado por volutas. A torre sineira é encimada por um frontão vazado.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Santuário de Santo Antonio do Valongo. Fotografia de 2011.

**O mosteiro de São Bento** começou a ser construído em 1650. Afastado do núcleo urbano, como manda a Regra de São Bento, o mosteiro beneditino apresenta uma aparência curiosa, com a torre sineira a subir sobre um dos arcos da fachada. A igreja é dedicada à Nossa Senhora do Desterro.

Fotografia: Tadeu Nascimento



Mosteiro de São Bento. Fotografia sem data.

A igreja conventual da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo deveria ser a mais antiga da cidade, pois os freis carmelitas se instalaram em Santos em 1599. Contudo, a igreja atualmente existente na praça Barão do Rio Branco é uma reconstrução de 1754, mesmo ano em que foi concluída a vizinha **igreja da Ordem Terceira**. O conjunto apresenta o frontão ondulado característico do litoral paulista, porta única sem galilé e esguia torre sineira, que rivalizava em altura com a da Matriz (da mesma época e demolida em 1908).

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Conjunto do Carmo. À direita da torre, a igreja conventual da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo. À esquerda, a igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Fotografia de 2004.

## O casario “barroco”

Na chamada “arquitetura civil”, as casas comuns, o barroco era menos presente. A maioria das casas, lojas e armazéns construídos no vasto Império Português seguiam tradições ibéricas seculares, que remontavam aos tempos medievais, muito anteriores, portanto, ao estilo barroco.

Essas tradições eram tão fortes que criaram uma paisagem urbana homogênea. Tanto que muitas vezes é difícil, apenas analisando fachadas

isoladas, reconhecer a localização exata de muitos edifícios construídos pelos portugueses nos séculos XVII e XVIII, podendo estar eles situados indistintamente em locais como Goa (na Índia), Macau (na China), Luanda (em Angola), Angra do Heroísmo (Açores) ou Rio de Janeiro.

Os edifícios tradicionais portugueses eram caiados de branco e possuíam janelas quadradas ou retangulares, com molduras de madeira ou pedra. Os telhados eram elevados e cobertos com telhas de barro em forma de canal, e se projetavam para longe das paredes, formando largos beirais. A parte de cima de portas e janelas, chamada verga, podia ser reta ou arqueada, usando o chamado arco abatido.

Na América portuguesa, o estilo desses edifícios é classificado muitas vezes pelo nome genérico de “arquitetura colonial”, o que não é absolutamente preciso, porque muito tempo depois de 1822 ainda se construíam edifícios com essas características.

Não se pode dizer, também, que tenham tido sempre a mesma aparência, desde o século XVI. Houve mudanças ao longo do tempo. A maior modificação que se pode constatar na chamada arquitetura civil “colonial” ocorreu na segunda metade do século XVIII, quando elementos do reformismo pombalino foram adotados nos edifícios da América portuguesa, como a introdução de portas-balcão no andares superiores dos sobrados mais ricos, guarnecidas de gradis de ferro. Tornou-se comum também a aplicação de elementos ornamentais de estuque, como as sobrevergas (frisos instalados acima das vergas, acompanhando sua forma) e as cimalthas (frisos que forram a parte de baixo dos beirais).

## O casario santista

Como principal porto da região vicentina, Santos possuía um vasto conjunto de edifícios, na maior parte privados, construídos à maneira “colonial”, muitos deles reformados no estilo pombalino que se impôs a partir da segunda metade do século XVIII.

Contudo, as mudanças de gosto, a especulação imobiliária e as novas ideias urbanísticas eliminaram os vestígios da cidade “colonial” entre 1880 e 1920.

Dois dos únicos exemplares de arquitetura barroca laica que sobreviveram em Santos são a Casa do Trem Bélico e uma antiga residência, situada na rua Frei Gaspar n.º 6.

A **Casa do Trem Bélico** (rua Tiro Onze s/n.º), construída a partir de 1734, é o único edifício público do período colonial ainda existente em Santos. O “trem bélico” de seu nome refere-se às coisas da guerra. Ou seja, a casa funcionava como depósito de armamentos e demais apetrechos pertencentes às tropas de linha do litoral. Note-se que nesse início do século XVIII as descobertas de ouro nas Minas Gerais atraíam as atenções de várias nações e também de corsários, o que levava a Coroa a reforçar suas defesas na região.

A Casa do Trem é um primor de edifício utilitário, com seu beiral em beira-seveira e a escada externa com alpendre. Sobre a única porta térrea, uma elaborada portada em granito esculpido, com volutas, onde existia um brasão de armas de Portugal, arrancado na época da independência.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Casa do Trem Bélico.  
Fotografia de 2004.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Antiga residência do Cel. José Antonio Vieira de Carvalho. O edifício foi reformado para ganhar uma aparência neoclássica, mas mantém o essencial de suas características originais. Fotografia de 2004.

**O edifício existente à rua Frei Gaspar n.º 6**, atualmente de uso comercial, foi originalmente a residência do coronel José Antônio Vieira de Carvalho, importante figura local. Construído entre 1818 e 1820 no estilo da colônia, acabou perdendo o beiral em reformas posteriores, sendo aplicado em seu lugar uma platibanda. As vergas e sobrevergas em arco abatido são típicas do estilo barroco pombalino, assim como as portas-balcão do pavimento superior, guarnecidas com gradis de ferro.

Um exemplo curioso, porque híbrido, é a **Casa da Câmara e Cadeia** santista, conhecida há anos como “Cadeia Velha”, em oposição à nova, inaugurada em 1956.

Projetada em 1839 e concluída em 1869, na praça dos Andradas, a Casa da Câmara exhibe elementos que se confundem com o barroco tradicional, como o telhado arqueado e saliente; as paredes caiadas de branco; e as molduras dos vãos arrematadas em arco abatido.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Casa de Câmara e Cadeia. Segundo um costume português, mantido no Brasil até o século XIX, o poder municipal funcionava no mesmo edifício que a cadeia: vereadores no andar superior, presos no térreo. Fotografia de 2010.

Contudo, a rígida simetria dos vãos, as proporções entre os pavimentos, a ausência de beiral pronunciado no telhado e a disposição absolutamente avançada, para a época, das celas da cadeia, altas e ventiladas, dispostas em torno de um pátio central, remetem ao estilo neoclássico que em 1839 já se encontra em pleno uso no Rio de Janeiro e pouco a pouco de espalha pelas províncias do então Império do Brasil.

Portanto, a Casa da Câmara e Cadeia santista pode ser considerada um edifício de transição entre o barroco que ia sendo abandonado pelo império, e o ascendente neoclássico.

## O neoclássico

### A Santos imperial

No Primeiro Reinado (1822-1830), Santos havia se firmado como um próspero porto exportador de açúcar. O resistente vazão urbano que se abria entre os núcleos leste (os Quartéis – região da atual praça da República) e oeste (o Valongo) foi preenchido por ruas e casas. O casario começava a avançar na direção do Monte Serrat. Essa situação foi incrementada quando, em 1850, o café substituiu o açúcar como principal produto exportado pelo porto santista, gerando mais lucros e atraindo mais pessoas.

Em 1860 começaram as obras da ferrovia São Paulo Railway, ligando Santos à Jundiaí. Inaugurada parcialmente em 1865 (e integralmente em 1867), a ferrovia trouxe a modernidade para toda a província de São Paulo.

A população se aproximava dos 10 mil habitantes em 1872, período em que as ruas e os edifícios se expandiam na direção do Paquetá e da Vila Nova, fronteiras de expansão da cidade.

Os edifícios dessa cidade em expansão ainda exibem, em grande parte, o estilo “colonial” da fase anterior. Mas, a partir de 1860, um número cada vez maior de edifícios passou a adotar os sinais do novo gosto que é exportado pelo Rio de Janeiro: o estilo neoclássico.

Mas de onde surgiu esse estilo?

### Um estilo racional

Na segunda metade do século XVIII, a Europa havia mudado. A burguesia ascendia como classe economicamente poderosa. Novos filósofos defendiam a supremacia da razão sobre as emoções e a fé. O poder da Igreja recuava diante da crescente autoridade da ciência racionalista e das novas tecnologias que iniciavam a Revolução Industrial.

Assim como a reação católica à Reforma Protestante gerou o barroco, a reação racionalista à emotividade barroca do século XVII gerou o neoclassicismo.

Apesar do termo “neoclássico” significar características um tanto diferentes em cada uma das artes a que se aplica, na arquitetura existe uma coerência que permite usar esse rótulo com certa facilidade.

O neoclássico arquitetônico caracteriza-se pela apropriação sóbria de elementos considerados típicos da arquitetura clássica greco-romana, como o frontão triangular, os arcos plenos e as colunatas, inseridos em posições rigorosamente simétricas.

O aspecto sóbrio e racionalista do neoclássico serviu tanto aos regimes absolutistas que se modernizavam, quanto aos movimentos revolucionários que, no final do século XVIII, sacudiram o Ocidente nas duas margens do Atlântico.

Na América portuguesa, a chegada dos princípios estéticos neoclássicos coincidiu com o processo de independência e acabou sendo adotado pelo império que nascia. Contudo, não foi um estilo “brasileiro” contraposto à dominação lusitana. Pelo contrário, o uso do neoclássico foi incentivado pelo rei português D. João VI, que instalou sua Corte por treze anos no Rio de Janeiro (1808-1821). Em 1816, chegava à Corte real carioca uma “missão francesa”, formada por artistas e arquitetos neoclássicos, que tiveram de fugir de Paris depois que seu protetor, Napoleão Bonaparte, fora vencido pelos ingleses e seus aliados (incluindo Portugal).

Curiosamente, enquanto na Europa do século XIX o neoclássico rapidamente sofreu a concorrência de novos estilos, tornando-se apenas uma opção entre muitas, no Brasil ele se manteve como estilo oficial até o fim da monarquia, consagrado nos reinados dos imperadores D. Pedro I (1822-1831) e D. Pedro II (1840-1889).

## O neoclássico no Brasil

O neoclássico foi talvez o estilo mais universalmente usado no Brasil em um determinado período de tempo. Ele podia ser encontrado em sedes de fazendas, grandes palácios públicos, igrejas e solares aristocráticos, da mesma forma que se adaptava muito bem às mais humildes moradias, singelas casas geminadas e térreas, que na rua exibiam apenas uma porta e duas janelas.

Essa universalidade derivava, em parte, da simplicidade do estilo. Para fazer jus a ser classificado como neoclássico, bastava o edifício possuir duas características básicas: ocultar o telhado com uma mureta de alvenaria, chamada platibanda (eliminando assim o beiral); e ter as vergas de portas e janelas na forma de um arco de 180 graus, chamado arco pleno.

Outros elementos do neoclássico brasileiro, como os frontões triangulares; os adornos instalados sobre as platibandas (pinhas, pequenos obeliscos, estátuas, vasos, de estuque ou porcelana) e os arcos e as colunatas de pedra, só eram usados pelas pessoas mais ricas e pelo Estado. Mas, de qualquer forma, eles não eram indispensáveis para caracterizar o estilo. Havendo platibanda e arco pleno, já estava de acordo com o novo gosto neoclássico.<sup>2</sup>

Demonstrando a força que o neoclássico alcançou em nossa sociedade, muitos edifícios “coloniais” no Brasil passaram por reformas para se adequar ao novo gosto, eliminando os beirais e rasgando arcos plenos sobre portas e janelas. Em alguns casos, até frontões triangulares eram aplicados à fachada, como um “adereço postiço”, apenas para compor mais fielmente o visual renovado.

---

<sup>2</sup> Principalmente em projetos eruditos, elaborados por profissionais da arquitetura, eram aceitas variações estilísticas, como o uso de vergas retas em pavimentos superiores (mantendo as vergas em arco pleno no térreo) ou de frontões em arco no lugar de triangulares. Eram, porém, exceções à regra e mantinham, sempre, o rigor da linha limpa e simétrica, sem as volutas, as ondulações e as torções características do barroco. O uso da platibanda era regra absoluta.

## O neoclássico em Santos

Santos, que ganhava importância crescente no Segundo Reinado como grande porto paulista, possuiu alguns edifícios de grande porte em estilo neoclássico (como a antiga Alfândega, terminada em 1880 e demolida em 1924), e centenas, senão milhares, de casas pequenas. Bairros de urbanização recente, como o Paquetá e a Vila Nova, eram inteiramente ocupados por edificações neoclássicas, na maior parte de pequeno porte. Praticamente nada sobrou.

Os mais importantes exemplares do neoclássico santista que sobreviveram às demolições do século XX situam-se significativamente no bairro do Valongo, o mais próspero do Segundo Reinado.

Certamente não receberam um nome em seu tempo, mas no final do século XX passaram a ser conhecidos por nomes próprios, famosos em toda a cidade: os **casarões do Largo Marquês de Monte Alegre** e a **Casa de Frontaria Azulejada**.

Além da localização, ambos possuem mais um aspecto em comum: foram iniciativa do mesmo homem, o rico negociante português Comendador Manoel Joaquim Ferreira Netto.

Ferreira Netto havia amealhado fortuna com negócios de exportação, quando, em 1860, assistiu o início das obras da ferrovia que ligaria Santos à zona cafeeicultora de Jundiaí. A estação inicial dessa ferrovia ficaria exatamente no local do convento franciscano de Santo Antonio, no Valongo, trazendo ainda mais desenvolvimento a esse bairro santista, já ocupado pela elite dos negociantes da cidade.

Com faro para os negócios, Ferreira Netto resolveu investir duplamente no bairro.

Em 1865, concluiu o que possivelmente seria a maior e mais imponente residência da cidade: um sobrado neoclássico com sete portas no pavimento térreo e nove portas-balcão no pavimento superior, todas com verga em arco pleno e divididas em três tramos de fachada. No tramo central, um

espetacular frontão triangular, único exemplar desse tipo sobrevivente no neoclássico santista, que coroa o espaço onde, no térreo, uma grande porta servia de entrada para cavalos e carruagens.

Os azulejos que revestem a fachada, restaurados em 1993, possivelmente não constavam do projeto original, sendo fixados apenas após a morte do comendador, ocorrida em 1868. O hábito de azulejar as fachadas externas dos edifícios não foi colonial, como muitos pensam, mas disseminou-se no Brasil no século XIX, estando no auge justamente no período de construção do “Casa de Frontaria Azulejada”.

Esse imponente sobrado teve vários usos após a morte do comendador, entrando em ruínas na década de 1980. Foi desapropriado pelo poder público e sua fachada restaurada.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Casa de Frontaria Azulejada.  
Fotografia de 2007.

Os chamados “Casarões do Largo Marquês de Monte Alegre” são formados por dois blocos de seis portas no térreo e dois pavimentos superiores, cada um dos pavimentos com seis portas balcão. Os dois blocos são unidos por um bloco térreo, com idênticas seis portas, perfazendo um longo pavimento térreo em três seções com dezoito portas no total. Vergas em arco pleno e uma grande platibanda, além das proporções equilibradas dos três volumes, marcam o caráter neoclássico desse grande conjunto de edifícios, que por muitos anos foi o maior da cidade.

Tão grande ele era que foi construído em duas etapas. O bloco à direita, junto à rua do Comércio, foi concluído em 1867. O bloco à esquerda, junto ao porto, foi concluído cinco anos depois, em 1872.

Depois de terem servido a diversos fins, incluindo a sede da prefeitura (o bloco de 1872), ambos foram vitimados por incêndios e ficaram em ruínas. Desapropriados pelo poder público e restaurados, abrigarão o Museu Pelé.

Fotografia: J. Marques Pereira



Os casarões em seu estado original, vistos do pavimento superior do convento franciscano, por volta de 1900.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Casarões do Largo Marques de Monte Alegre. O bloco à direita data de 1867 e o bloco à esquerda, de 1872. A fotografia retrata o estado do imóvel em 2002, após os incêndios sucessivos do bloco esquerdo (1985) e direito (1992). Fotografia de 2002.

## O ecletismo

### Santos na Primeira República

O período que vai de 1889 a 1930 é, sem dúvida, uma fase brilhante da história de Santos. O controle da comercialização da principal *commodity* do Brasil no período transformou a cidade na “capital nacional do café”, concentrando investimentos, pessoas e arte.

A população, incrementada pela imigração europeia atraída pelo café, saltou de cerca de 15 mil habitantes em 1890 para mais de 120 mil em 1930. A renda municipal aumentou muitas vezes, permitindo desapropriar imóveis, alargar ruas e abrir praças. As epidemias foram debeladas e a cidade tornou-se saudável. Canais de drenagem planejados por Saturnino de Brito, o maior engenheiro sanitário do país, estruturavam a expansão dos novos bairros. Bondes elétricos cruzavam extensas avenidas, enquanto grandes palácios eram construídos para todos os fins, de hospitais a bolsas de mercadorias, de teatros a conjuntos de escritórios, de residências aristocráticas a hotéis de luxo.

Nada disso ocorreu sem conflito e luta. E também nisso a cidade mostrava-se ativa. A todo momento sindicatos organizavam passeatas e greves, publicavam jornais e promoviam palestras. Conflitos menos organizados estouravam entre grupos de imigrantes, habitantes de bairros rivais, moradores de cortiços.

Não havia, porém, maiores conflitos em relação ao estilo arquitetônico a ser adotado nesses tempos de crescimento: o eclético dominou a Primeira República impassível. Era um estilo tão maleável que a tudo se acomodava.

## O eclético maleável

Nos dicionários da língua portuguesa, *eclético* é definido como aquilo que é “composto por elementos colhidos em diferentes fontes.”<sup>3</sup> E é exatamente essa a característica essencial do estilo eclético. No ecletismo, qualquer referência estética pode ser apropriada e usada em um edifício.

De forma simplista, pode-se afirmar que toda essa liberdade nada mais era que a expressão de uma burguesia ocidental que se libertava completamente das elites aristocráticas. Durante séculos os plebeus ricos do Ocidente tiveram de seguir os passos dos nobres – na arquitetura, no mobiliário, nos modos, nas roupas – para conseguir respeito, *status*, consideração.

Em meados do século XIX, na Europa, essa relação de submissão havia acabado. Ao invés, porém, de criarem um estilo arquitetônico novo, seu, os burgueses optaram por uma saída mais simples: usar livremente todos os estilos da história, seja de forma “pura”, seja misturados. Não deixava de ser uma demonstração de força: a burguesia tornara-se a senhora do tempo e o manipulava como lhe fosse conveniente.

Vários fatores conspiravam para o sucesso do ecletismo, entre eles a frenética atividade arqueológica patrocinada por instituições de centros como Londres, Paris e Berlim, que a cada ano descobriam e catalogavam a arquitetura e a ornamentação de cidades perdidas nos desertos do Oriente.

Outra contribuição vinha, paradoxalmente, dos próprios críticos da ascensão da burguesia, os românticos. Escandalizados com a perda das “essências” culturais, provocada pela industrialização acelerada, os românticos pregavam a valorização da cultura dos grotões rurais isolados e do passado pré-industrial.

Na pintura ou na literatura, o romantismo é facilmente identificável como um estilo próprio e crítico. Contudo, na arquitetura, o revivalismo

---

<sup>3</sup> Verbete “eclético” no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. 2009.

romântico do românico ou do gótico medievais, ou o apreço pelos exotismos orientais, foram simplesmente absorvidos pelo eclético, compondo sem destaque a miscelânea estilística que marca o ecletismo.

Outra característica importante para o sucesso do ecletismo foi a utilização das técnicas construtivas mais modernas para reproduzir, de maneira rápida e barata, formas e ornatos tradicionais que originalmente demandavam muito tempo e muito dinheiro. Edifícios ecléticos com cúpulas, torreões, mansardas e colunatas eram, na verdade, estruturas de aço revestidas com argamassas industriais que imitavam o granito ou o mármore. Catedrais neogóticas eram erguidas em concreto armado. Estátuas e colunas eram feitas de cimento em máquinas a vapor, aos milhares. A indústria do arremedo, da falsificação de materiais preciosos e de obras de arte, permitia criar a baixo custo pequenas Versalhes em cada casa de vila operária.

Com tamanha sustentação técnica e ideológica, o ecletismo espalhou-se pelo Ocidente. Na Europa, consolidou-se nas obras de modernização de Paris entre 1854 e 1870, e de Viena entre 1858 e 1879.

No Brasil, o ecletismo arquitetônico, que demoraria um pouco a se consolidar, ganhou um significado a mais: tornou-se o estilo da nascente república, em oposição ao neoclassicismo que havia sido o estilo na monarquia.

Na verdade, o governo imperial já caminhava na direção do ecletismo, adotando livremente estilos históricos como, por exemplo, o neogótico Palácio da Alfândega da ilha Fiscal (projeto de 1881), na baía da Guanabara, ou a também neogótica catedral da cidade de Petrópolis (projeto de 1884). Contudo, nada se compara à verdadeira “maré” eclética que a república traria no início do século XX.

Santos, como uma das mais importantes cidades brasileiras do período estava no centro dessa maré crescente.

## O eclético em Santos

Enriquecida pela exportação do café, a elite econômica e política de Santos estava em condições de acompanhar os modismos arquitetônicos do início do século XX. E, nesse momento, o modismo era o eclético.

Em poucos anos, uma cidade que demorara décadas para inserir o neoclássico no casario colonial trocou rapidamente de feição, eliminando de uma só vez os resquícios de Colônia e o neoclassicismo relativamente recente, substituindo tudo por edifícios que seguiam as várias feições do ecletismo burguês.

Curiosamente, a implantação do porto organizado em moldes industriais, pela Companhia Docas de Santos, a partir de 1888, iria contribuir para o desaparecimento rápido e quase completo do neoclássico em Santos.

Estilo muito usado nos palacetes da aristocracia do Segundo Reinado, o neoclássico estava presente nas grandes residências cercadas de jardins do Paquetá, a área de expansão urbana santista da segunda metade do século XIX.

Ocorre que, por volta de 1900, o litoral estuarino do Paquetá, um bucólico local de passeio, foi ocupado pelo cais da Cia. Docas, com seus guindastes e armazéns. A presença do cais, aliada ao crescimento da exportação de café e da criação dos armazéns gerais em 1903, resultou em uma pressão sobre o Paquetá, que pouco a pouco deixou de ser um bairro de elite e se transformou em uma área retroportuária. Os palacetes neoclássicos foram demolidos, dando lugar a grandes armazéns, enquanto as elites migravam para as avenidas recém-urbanizadas e que apontavam a direção das praias, então suburbanas.

Pelas suas próprias características de fusão, de mistura, é muito difícil classificar o ecletismo em subtipos. Toda classificação termina sendo mais ou menos arbitrária. Os subtipos listados a seguir procuram organizar

minimamente os vestígios da arquitetura eclética preservados na Santos do século XXI.

Um ecletismo mais sóbrio, que se limitava a justapor ornamentos de estuque às fachadas relativamente simples, pode ser encontrado em muitos dos edifícios do começo do século passado.

São exemplos notáveis desse estilo mais comedido os teatros Guarany e Coliseu e o hotel Atlântico.

Curiosamente, os três são empreendimentos comerciais da área do lazer, e fazia parte da lucratividade do negócio não exagerar nos gastos de projeto e construção.

O caso do **Teatro Guarany** (praça dos Andradas s/nº) é o mais interessante. Inaugurado em 1882, seguia originalmente um singelo, mas belo, estilo neoclássico, como era regra naqueles anos. Contudo, em 1910 o teatro passou por grande reforma, que incluiu uma completa remodelação das fachadas. O frontão triangular desapareceu, e alguns ornamentos em estuque foram aplicados à fachada principal, como se pode ver até hoje.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Teatro Guarany em 2010. Após ter seu interior destruído por um incêndio em 1981, foi restaurado e reinaugurado em 2008. Fotografia de 2010.

O **Teatro Coliseu** (rua Amador Bueno n.º 237) foi um empreendimento do Comendador Manoel Fins Freixo, diretor gerente da Cine-Theatral Ltda, uma das maiores empresas de entretenimento do país nos anos 1920.

Concebido como um centro de lazer, mais do que teatro, o Coliseu contava com salões de baile e terraços, além de ser adaptado às projeções cinematográficas. Não havia luxo na decoração, dado que era um negócio comercial que deveria dar lucro.

Tudo muito diferente dos aristocráticos e luxuosos teatros líricos construídos no Brasil à época por associações de membros das elites, como foi o caso do Teatro Municipal de São Paulo.

Simples, mas mesmo assim belo, o Teatro Coliseu foi inaugurado em 1924, no auge da economia cafeeira. Desapropriado pelo poder público, foi restaurado e mantém a função de teatro.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Teatro Coliseu. Fotografia de 2010.

O **Atlântico Hotel**, situado na praia do Gonzaga (avenida Presidente Wilson n.º 1), tem história semelhante ao do Teatro Coliseu. Penúltimo dos grandes hotéis-cassino construídos na orla de Santos, o Atlântico destinava-se a atender um público menos aristocrático do que aquele que frequentava o Parque Balneário Hotel, que lhe era fronteiro. Daí a opção de ocupar todo o lote com o edifício de térreo mais cinco pavimentos, adotando igualmente uma fachada sóbria.

Construído em várias etapas, a partir de um teatro-cassino com teto retrátil que datava de 1923 (posteriormente demolido), o primeiro bloco do Atlântico Hotel, fronteiro ao mar, foi inaugurado em 1928, época áurea da economia cafeeira.

Fotografia: Candido Gonzalez



O Atlântico Hotel visto dos jardins da praia. Fotografia de c. 2007.

## O estilo belas artes

O estilo belas artes, termo que deriva diretamente do *beaux-arts* francês, talvez seja o mais característico do eclético. Ele designa basicamente a junção de duas características estilísticas. Uma dessas características é a mistura indiscriminada de estilos históricos, com destaque para o neorrenascentista e o neobarroco. A outra, é a busca da monumentalidade pelo exagero de ornamentação, utilizando, quase sempre, elementos espetaculares, como cúpulas, colunatas, fileiras de estátuas ou torres.

Em Santos, o estilo belas artes foi adotado pelas instituições mais importantes e ricas, que exibiam assim seu poder à toda a sociedade.

São exemplos desse estilo o edifício dos **Correios e Telégrafos**, construído em 1924 pela Cia. Docas de Santos por dever contratual; a sede da **Gota de Leite**, instituição de amparo à infância, cuja sede data de 1924; o **Colégio Cesário Bastos**, de 1916, construído para ser a grande escola pública de nível médio da cidade; a elegante sede do **Controle de Tráfego** da Cia. Docas de Santos (antigo Escritório Central da empresa), de c.1910; e o mais emblemático edifício eclético da cidade, a **Bolsa Oficial do Café**, de 1922, construída pela Cia. Construtora de Santos, maior empreiteira do país no período, pertencente ao ramo santista da família Simonsen.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



O edifício dos Correios e Telégrafos, à rua Cidade de Toledo n.º 41. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



O antigo Escritório Central da Cia. Docas, no cais do Paquetá. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



A sede da Gota de Leite, à avenida Conselheiro Nébias n.º 388. Fotografia de 2011.

Fotografia: Carlos Kipnis



A escola estadual Cesário Bastos, à praça Narciso de Andrade s/n.º. Fotografia do início dos anos 1990.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



A fachada norte do palácio da Bolsa do Café, voltada para o cais, em 2004. Superando as demais torres da cidade à época, incluindo a da Catedral, a torre da Bolsa simbolizava o domínio da economia cafeeira sobre a vida dos santistas. Fotografia de 2004.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



A fachada sul do palácio da Bolsa do Café, em 2004. A cúpula marca a entrada principal do edifício, que dá acesso ao salão do pregão. Rua XV de Novembro n.º 95. Fotografia de 2007.

## O estilo neorrenascentista

Em termos de estética eclética, havia estilos mais comumente encontráveis nas cidades brasileiras, como o belas artes, e outros mais raros, surgidos por um capricho do construtor ou uma situação particular. É o caso do estilo neorrenascentista francês, com seus telhados em forma de pirâmide truncada, que lembram o palácio do Louvre ou o Hôtel de Ville, em Paris.

Em Santos, a inglesa São Paulo Railway Co. resolveu, ao ampliar a estação ferroviária que mantinha no Valongo (largo Marquês do Monte Alegre s/n.º) desde 1865, mudar o estilo do neoclássico original para o neorrenascentista francês. Inaugurada em 1899, a Estação do Valongo mantém esse estilo até os dias de hoje.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



A estação da antiga São Paulo Railway, no Valongo. Fotografia de 2004.

## O estilo toscano

Outro estilo singular, empregado pontualmente no Brasil é o toscano. A cidade italiana de Florença, um dos berços do Renascimento italiano, criou um estilo próprio de estética arquitetônica, que foi utilizado em Santos na sede um banco italiano.

Com seu beiral saliente, uso de tijolos aparentes e mudando, a cada pavimento, o tipo de ornamentação e revestimento das paredes, a antiga sede da *Banca Italiana di Sconto* (Banco Italiano de Desconto), concluída em 1920, na rua XV de Novembro n.º 141, é um exemplo desse raro estilo em Santos.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



A imponente sede do banco italiano em Santos. Fotografia de 2004.

## O neogótico

O neogótico foi um dos primeiros estilos do ecletismo, e um dos mais facilmente identificáveis. Assim como na Europa medieval não houve um único estilo gótico, assim também o neogótico mostra-se muito variado.

O gótico laico ou civil inspirava-se nos castelos medievais para criar castelos, com muralhas arrematadas por ameias e torreões. Foi usado, geralmente, em quartéis militares e em algumas residências.

Já o gótico religioso tem como modelo o estilo praticado no nordeste da França e no oeste da Alemanha, onde existem grandes catedrais com vergas em ogiva, extensos vitrais nas paredes e rosáceas no alto das fachadas.

Em Santos, o neogótico laico limitou-se a umas poucas residências e, principalmente, ao grande **Quartel dos Bombeiros**.

O neogótico religioso foi também o estilo escolhido para a grande **Catedral** que substituiu a Matriz colonial.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Na época em que o combate aos incêndios era atribuição municipal, a Prefeitura mandou erguer um Quartel dos Bombeiros neogótico. Inaugurado em 1909, foi projetado por Maximiliano Hehl, um dos principais expoentes do ecletismo no Brasil. Está situado na praça Mauro Batista de Miranda s/n.º.

Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Para substituir a Matriz barroca, foi construída uma nova, neogótica. Projetada em 1909 por Maximiliano Hehl, só foi concluída, parcialmente, em 1924. Tornou-se catedral com a criação da Diocese de Santos, também em 1924. Situa-se na praça José Bonifácio s/n.º. Fotografia de 2010.

Também é neogótica a antiga **residência em forma de castelo** do médico e empresário de origem italiana, Giovanni Éboli, construída c. 1886 sobre os restos do Outeiro de Santa Catarina, demolido no final do século XIX.

E finalmente a grande **Basílica de Santo Antonio do Embaré**, construída nas terras praianas pertencentes ao Visconde do Embaré. Projeto de E. Kemnitz de 1928, a igreja foi concluída em 1945.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.

Residência de Giovanni Éboli. Situa-se na rua Visconde do Rio Branco n.º 48. Fotografia de 2004.



Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Basílica Menor de Santo Antonio do Embaré. Situada na avenida Bartolomeu de Gusmão n.º 32. Fotografia de 2011.

## O neomanuelino

Integrante dos revivalismo históricos do período eclético, o neomanuelino surgiu em Portugal na segunda metade do século XIX, como uma resposta nacionalista aos modelos que vinham sobretudo da França.

Esse estilo procurava reviver as características do mais português dos estilos históricos, que havia durado algumas poucas décadas no auge das navegações, entre o final do século XV e as primeiras décadas do século XVI.

Caracteriza-se pelo uso decorativo de cordas torcidas e arcos rendilhados em ogiva ou ferradura (lembrando ornamentos árabes), estátuas e escudos, cumprindo plenamente os desígnios do ecletismo de dar uma aparência antiga e histórica a edifícios que são, estruturalmente, modernos.

Em Santos, há um raro exemplar de grande edifício neomanuelino fora de Portugal, a sede do Real Centro Português, concluída em 1901.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Sede do Centro Português de Santos, situado na rua Amador Bueno n.º 182. Fotografia de 2011.

## O estilo “inglês”

Desde a renascença, os ingleses desenvolveram o gosto de deixar à mostra os tijolos com que construía muitos de seus edifícios, dando-lhes um característico tom avermelhado. Com o advento da Revolução Industrial, a partir do século XVIII, essa estética a um tempo elegante e muito prática, além de barata, foi incorporada aos galpões que abrigavam as novas indústrias.

Do Reino Unido, esse estilo foi exportado junto com as primeiras máquinas e instalações industriais que em tudo copiavam as matrizes inglesas.

Santos nunca teve grandes indústrias, mas uma série de armazéns de café imitaram o estilo inglês, criando espaços de grande beleza.

Ao menos uma empresa inglesa construiu uma sede no puro estilo de sua terra: a E. Johnston & Co., dedicada à exportação de café.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Armazém Roberto. Início do século XX. Situa-se na rua João Pessoa n.º 520. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Armazém do início do século XX. Atualmente abriga uma unidade do Poupatempo. Situa-se na rua João Pessoa n.º 246. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Antiga sede da E. Johnston & Co., construída em 1905. Rua do Comércio n.º 71. Fotografia de 2011.

## A superação do ecletismo

Nos últimos anos do século XIX, alguns setores artísticos europeus estavam fartos de remontar o passado. Eles desejavam criar um estilo “moderno”, original, que expressasse o seu tempo de forma inovadora. Vários grupos criaram, então, soluções variadas para esse desafio.

### O *art nouveau*

Uma das formas encontradas pelos artistas europeus para superar o ecletismo, carregado de referências históricas, foi buscar inspiração na natureza, desenvolvendo uma estética ligada às formas orgânicas: flores delicadas, cipós que fazem nós e laços em torno das fachadas, desenhos de animais estilizados, formas sinuosas em portas, janelas e gradis.

Esse estilo, como todos os outros, teve suas variações. Foi desenvolvido paralelamente em vários locais da Europa, como Inglaterra, França, Alemanha e Áustria, e em cada local recebeu um nome próprio.

No Brasil, convencionou-se adotar o nome francês: *art nouveau*, arte nova.

A arquitetura *art nouveau* era revolucionária por dar as costas à História, mas sua aparência não contrastava ou agredia a paisagem urbana eclética, e os dois estilos conviveram bem por algum tempo, até que alegre e frívolo *art nouveau* saísse de moda, com a eclosão da sangrenta Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

No Brasil, onde as novidades estéticas europeias sempre demoravam um pouco a chegar, o *art nouveau* teve expressão limitada, não apenas por seu curto tempo de existência, mas principalmente por esse estilo não se adequar aos grandes edifícios públicos. Empregado quase sempre em pequenas e médias residências, o *art nouveau* não teve fôlego para impor-se na paisagem urbana. Assim que a especulação imobiliária começou a demolir edifícios

pequenos para construir arranha-céus, os relativamente poucos exemplares *art nouveau* desapareceram das cidades brasileiras.

## O *art nouveau* em Santos

Em Santos, o *art nouveau* também teve relativamente pouca expressão, enquanto o ecletismo dominava a arquitetura local.

Do pouco que havia, menos ainda sobrou. Dois exemplares são o chamado “Casarão Branco” da praia e um edifício comercial situado à rua XV de Novembro 46/48.

Fotografia: Francisco Arrais



Originalmente uma mansão eclética, muito sóbria, construída em 1900, o Casarão Branco da Praia foi reformado em 1922, ganhando formas e vitrais *art nouveau*. Situa-se na avenida Bartolomeu de Gusmão n.º 15. Desde 1992 é sede da Pinacoteca Benedicto Calixto. Fotografia sem data.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Imóvel comercial da rua XV de Novembro n.º 46/48, um dos poucos da cidade que apresentam as sinuosidades do *art nouveau*, ainda que discretas. Início do século XX. Fotografia de 2011.

## O neocolonial

O eclético, apesar de impor uma certa ditadura da ornamentação e da História, representava também a extrema liberdade de misturar estilos, permitindo que ideias novas surgissem a todo momento. E uma dessas novas ideias era a recuperação do esquecido estilo “colonial”, partindo, porém, das mesmas premissas do ecletismo: técnicas modernas de construção às quais se justapunham elementos ornamentais do estilo histórico.

O neocolonial brasileiro resgatou, principalmente, o beiral largo e as telhas capa-e-canal, chinesices como as asas de andorinha arrematando as pontas dos telhados, um ou outro lanternim<sup>4</sup>, óculos<sup>5</sup> nas paredes. A esses elementos “autênticos”, os arquitetos do neocolonial acrescentaram outros, como ornamentos em estuque com volutas barrocas, frontões curvos e colunas torsas, que na Colônia eram usados na ornamentação interna de igrejas, mas não na fachada de residências.

Deve-se ressaltar, porém, que o neocolonial diferenciava-se do ecletismo não apenas por adotar uma decoração menos carregada, menos profusa, mas principalmente por preocupar-se com a harmonia entre a arquitetura e as condições locais, históricas e ambientais, algo que o ecletismo ignorava. O neocolonial introduziu questões fundamentais que certas correntes do modernismo desenvolveriam e aprofundariam anos mais tarde.

## O neocolonial em Santos

O neocolonial possuía, em comparação ao *art nouveau*, a vantagem de adaptar-se aos grandes edifícios públicos, o que contribuiu para sua propagação e preservação.

---

<sup>4</sup> Elevação no telhado, ou pequena torre, vazada ou com janelas, com fins de iluminação. No neocolonial, tinha geralmente função ornamental.

<sup>5</sup> Pequena janela de formato redondo ou ovoide aberta no alto das fachadas, geralmente com função de iluminação.

Por outro lado, permaneceu vigoroso após a crise do ecletismo no final dos anos 1920, funcionando como alternativa estética ainda por alguns anos.

No caso de Santos, em especial, o neocolonial reportava-se a um aspecto da história local particularmente valorizado pela elite santista: a antiguidade da cidade e sua inserção em grandes fatos da história nacional, como ser o berço de Bartolomeu de Gusmão e de José Bonifácio. Para as pessoas da primeira metade do século XX, fazia sentido utilizar o neocolonial em uma cidade de passado colonial, como Santos.

Dos muitos edifícios, de todos os tamanhos, construídos no estilo neocolonial em Santos, três se destacam: a antiga **Estação da Estrada de Ferro Sorocabana** (avenida Ana Costa n.º 340), concluída em 1935; a escola **Escolástica Rosa** (avenida Bartolomeu de Gusmão n.º 111), projeto de Ramos de Azevedo de 1908, reformado no estilo neocolonial em 1936, e o Hospital Santo Antonio da **Sociedade de Beneficência Portuguesa** (avenida Bernardino de Campos n.º 47), inaugurado em 1926, projeto do mais famoso arquiteto do neocolonial, o português Ricardo Severo.

Fotografia: Marcelo Martins



A estação da Estrada de Ferro Sorocabana. Fotografia de c.2002.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Detalhe da fachada principal o Hospital Santo Antonio da Sociedade de Beneficência Portuguesa. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Fachada neocolonial da escola Escolástica Rosa. Fotografia de 2011.

## O *art déco*

Uma forma mais radical de rompimento com a tradição eclética foi adotada pelos criadores do estilo *art déco*, na década de 1920. A expressão, também francesa, deriva de *arts décoratifs*, arte decorativa. O que não é equivocado, dado que o *art déco* é basicamente decorativo, apenas recobrando as estruturas construtivas “modernas” existentes desde o ecletismo.

As referências ao passado e à natureza são abandonadas, substituídas pela composição de linhas geométricas traçadas à régua e compasso. Sucessões de frisos e relevos simples, retos ou curvos, criam os ornatos do *art déco*, que aproxima-se assim de uma linguagem tecnológica, industrial.

Em alguns casos, utilizam-se formas animais ou figuras humanas, mas de forma estilizada, um tanto à moda do cubismo ou do expressionismo que revolucionam as artes plásticas desde o início do século XX.

O *art déco* extrai beleza e muitas vezes imponência de formas geométricas relativamente simples, e dessa forma adapta-se esplendidamente aos novos e cada vez maiores arranha-céus dos Estados Unidos, assim como às menores casas térreas, ornadas com linhas simples em cascata.

## O *art déco* no Brasil

O *art déco* é, talvez, o estilo menos estudado e valorizado dentre os que integram o patrimônio edificado brasileiro. O que é surpreendente, pois ele teve um papel equivalente aos do neoclassicismo e do eclético. Enquanto a arquitetura neoclássica confunde-se com a monarquia brasileira, e o eclético com a Primeira República, o *art déco* foi o estilo da Era Vargas (1930-1945), adotado em praticamente todos os edifícios públicos desse período.

O *art déco* foi igualmente um símbolo de modernidade ainda mais poderoso que o floral *art nouveau*, adotado por centenas de cidades brasileiras que, nos anos 1930-40, saíam do marasmo dos sertões e tentavam aparentar algum progresso.

É verdade que seu auge, quinze anos, durou relativamente menos tempo que os setenta anos de neoclássico e os quarenta do eclético. Mas é possível que o relativo ostracismo do *art déco* deva-se principalmente à concorrência que faz com o poderoso modernismo que o segue.

De todo modo, Santos é tocada pelo *art déco* exatamente como seria de se esperar em uma grande cidade do período.

## Santos *art déco*

Nos chamados anos Vargas, a cidade de Santos enfrentou os efeitos do *crash* da Bolsa de Nova York com certa facilidade, articulando-se com a industrialização de São Paulo. O porto batia recordes anuais de movimentação de cargas e a cidade ampliava a área urbanizada para os lados do Embaré.

O próprio governo Vargas se alia a esse desenvolvimento, construindo o maior edifício *art déco* de Santos: a nova sede da **Alfândega** local, inaugurada em 1934. Esse edifício atesta a importância mantida pelo porto, constando ser a maior Alfândega em todo o país.

Também são representativos do *art déco* na cidade o **Colégio Canadá**, de 1935, e a sede da **Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio**, de 1931.

Fotografia: Vagner Dantas



Detalhe da fachada do Colégio Canadá, situado na rua Mato Grosso n.º 163. Fotografia sem data.

Fachada da Sociedade Humanitária, situada na praça José Bonifácio n.º 59. Fotografia de 2004.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Fotografia: Marcelo Martins



Sede da Alfândega de Santos. Praça da República s/n.º. Fotografia sem data.

## Os modernismos

### A Santos pós-Segunda Guerra

O recenseamento de 1950 informava haver 228 mil habitantes em Santos, fazendo do porto paulista a oitava cidade mais populosa do país. Transformada em entreposto das máquinas e matérias-primas que chegavam pelo porto para a crescente indústria paulista, Santos permanecia importante e rica, apesar da decadência relativa da cafeicultura.

A cidade vivia um *boom* social, com sindicatos cada vez mais fortes, clubes sócio-esportivos que construía sedes maiores e mais elegantes, uma cultura de praia que se consolidava com as barracas, uma imprensa pujante.

### Modernismo, modernismos

O termo moderno foi empregado várias vezes, em diferentes momentos, ao longo da história da arte e da arquitetura.

No século XIX, os defensores do ecletismo arquitetônico se consideravam “modernos” frente ao neoclassicismo anterior, e sem dúvida nenhuma estilos como o *art nouveau* e o *art déco* eram considerados – e chamados de – “modernos” por seus contemporâneos.

Contudo, convencionou-se dar a classificação de modernismo a um estilo particular de arte que surgiu nos primeiros anos do século XX, a qual rompeu completamente com o passado e buscou, sem preconceitos e pré-conceitos, uma estética absolutamente original.

Assim como no ecletismo, também no modernismo uma organização por estilos “internos” é difícil. Muitos termos ainda não estão consolidados, falta um consenso mínimo em termos de classificação.

De forma geral, este inventário entendeu citar três estilos do modernismo, a partir dos exemplares existentes em Santos.

## Santos modernista

Como uma das maiores cidades do Brasil, e em pleno crescimento, Santos foi objeto de vários projetos modernistas.

A implantação desse novo estilo em Santos coincide com dois fenômenos paralelos que acabarão por incrementar a cena arquitetônica modernista local: a vulgarização do arranha-céu residencial e a consolidação do turismo de veraneio entre a classe média da capital e das principais cidades do interior. Santos foi o principal destino do turismo de veraneio do estado nos anos 1940 e 1950, o que fez surgir uma série de arranha-céus na orla da praia. Esse movimento atraiu renomados arquitetos da cena modernista paulista, como José Maria da Silva Neves, Vilanova Artigas, Hélio Duarte, Ícaro de Castro Mello e Osvaldo Correa Gonçalves.

## O modernismo racionalista

A primeira expressão do modernismo arquitetônico pregava, como não poderia deixar de ser, a ruptura completa com tudo o que o havia antecedido. Do ponto de vista estético, os modernistas exigiam o abandono radical do ornamento. As formas dos edifícios deviam ser determinadas por sua função, sem a aplicação de adereços desnecessários. Do ponto de vista dos espaços, os modernistas defendiam a adoção de plantas adaptadas aos usos contemporâneos e o uso radical das técnicas construtivas industriais.

Surgiram assim edifícios com paredes lisas, onde a estética era composta apenas pelos jogos das portas e janelas e projeções na fachada. Revestindo as fachadas, massa monocromática, quase sempre cinza, ou argamassa pintada, também monocromática.

No Brasil, esse estilo pioneiro se espalhou a partir do final dos anos 1930, sendo relativamente comum em edifícios comerciais de pequeno porte. Um racionalismo mais erudito substituiu o *art déco* como estilo governamental nos anos 1940 e 50.

No final dos anos 1930, os primeiros exemplares de racionalismo eram construídos Santos. de início, edifícios comerciais no Centro da cidade.

Um dos exemplares é o **Prédio R. Monteiro**, projetado em 1939 e inaugurado em 1940. Projeto do arquiteto paulistano Jayme Plandevall, esse edifício assemelha-se a seu par construído no bairro do Brás, na cidade de São Paulo, para a mesma empresa de tecidos.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.

Prédio R. Monteiro, situado à rua General Câmara n.º 76. Fotografia de 2011.



Da mesma época é o projeto do **Mercado Municipal**, datado de 1939. A autoria do projeto é de José Maria da Silva Neves, talvez o mais importante arquiteto modernista paulista da década de 1930. Dependendo do empenho – e dos recursos – do poder público municipal, as obras foram parcialmente concluídas em 1948. Todo o complexo ficou pronto apenas em 1954.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Fachada principal do Mercado Municipal, situado na praça Iguatemi Martins s/n.º. Fotografia de 2011.

Um raro exemplar de **residência unifamiliar modernista** assinada por um arquiteto de renome foi projetada em 1949 por João Batista Vilanova Artigas. Situada na rua Vergueiro Steidel, no bairro do Embaré, é notável pela maneira como dispõe a casa em dois volumes assimétricos unidos por um jardim e pela aparência a um tempo moderna e aconchegante.

Casa projetada por Vilanova Artigas.  
Rua Vergueiro Steidel n.º 57.  
Fotografia sem data.

Fotografia: Antonio Vargas



Outro exemplo de arquitetura oficial é o **Palácio Carvalho de Mendonça**, também conhecido como Palácio da Justiça, sede do Fórum Criminal de Santos, projetado em 1949, mas concluído apenas em 1962.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Fachada principal do Palácio da  
Justiça de Santos. Praça José  
Bobnifácio s/n.º. Fotografia de 2010.

## O modernismo orgânico

Modernismo orgânico, modernismo poético. Modernismo que se afasta do minimalismo racionalista e flerta com as formas da natureza: bolhas, cúpulas, amebas, florestas de colunas.

No Brasil, teve seu grande momento nos anos 1950, da euforia de JK e da construção de Brasília. Oscar Niemeyer, adepto das formas curvas e ondulantes, é o maior expoente dessa corrente ainda mal classificada.

Em São Paulo, João Artacho Jurado, um empreiteiro sem formação universitária, radicalizou o movimento organicista para horror dos modernistas do racionalismo. Sua empresa, Monções Construtora e Imobiliária S/A, projetou altos edifícios cheios de curvas, amebas, rampas e jardins. A tudo isso Jurado acrescentou a cor – cores fortes e contrastantes, rosa, preto, amarelo, azul.

Niemeyer não projetou nenhum edifício em Santos, mas Artacho Jurado foi o autor de dois projetos, que impressionam pela beleza e leveza de linhas: os condomínios Verde Mar (de 1957) e Enseada (c. 1950).

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Edifício Parque Verde Mar. Avenida Vicente de Carvalho n.º 6. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Edifício Enseada. Avenida Bartolomeu de Gusmão n.º 180. Fotografia de 2011.

## O brutalismo

O brutalismo arquitetônico é, de certa forma, uma radicalização do modernismo racionalista surgida depois da Segunda Guerra Mundial.

Como os racionalistas, os brutalistas pregavam a ausência de ornatos e de cores. Mas iam mais longe, ao adotar também a ausência de revestimentos. No brutalismo, o concreto aparece nu, expondo a ‘verdade’ construtiva do edifício.

Uma das características do brutalismo é especificamente o uso de grandes panos de concreto.

O brutalismo teve grande repercussão no Brasil a partir da década de 1950, sendo particularmente importante em São Paulo, onde identifica-se com a chamada “Escola Paulista” de arquitetura. O auge do brutalismo brasileiro ocorreu durante as décadas de 1960-1970.

Em Santos, esse estilo teve grande utilização em edifícios públicos e particulares, quase todos de grande porte.

O edifício sede da **Prodesan**, de c. 1970, com suas marquises em canhão projetadas da fachada é um marco da paisagem urbana santista. É de autoria dos arquitetos italianos Flávio Pastore e Luigi Villavechia. A Prodesan, aliás, como empresa municipal de desenvolvimento urbano, foi a indutora de inúmeras obras modernistas na cidade.

A **Escola Municipal Acácio de Paula Leite Sampaio**, de 1970, projeto de Décio Tozzi.

Por fim, o Centro de Cultura Patrícia Galvão, inaugurado em 1979, que tem como peça central o **Teatro Municipal**, é projeto dos arquitetos Osvaldo Correa Gonçalves, Abraão Sanoviks e Júlio Katinsky.

Fotografia: Vagner Dantas



Escola Municipal Acácio de Paula Leite Sampaio. Rua Sete de Setembro n.º 14. Fotografia sem data.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Edifício sede da Prodesan. Praça dos Expedicionários s/n.º. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Teatro Municipal Brás Cubas. Avenida Sem. Pinheiro Machado n.º 48. Fotografia de 2011.

## Arquitetura vernácula: os chalés

A sucessão e o entrelaçamento de estilos apresentados neste inventário foram vivenciados primeiramente por aquela elite que viajava com frequência à Europa e assinava as principais revistas de Paris e Nova York.

Pouco a pouco, empreiteiros mais humildes iam aplicando traços desses estilos nas casas de vila e residências suburbanas, gerando formas híbridas com suas próprias tradições e saberes empíricos. Os estudiosos costumam chamar essas fórmulas de “vernáculas”

Contudo, em alguns locais as populações mais pobres criaram formas próprias de morar e ornamentar suas casas, o que constitui uma subversão ao movimento geral dos estilos, que vinham de cima (e de fora) para baixo.

Em Santos, além das vilas de casas geminadas, construídas por empreiteiros sem formação técnica para os trabalhadores, foram criados chalés de madeira ainda mais informais. Os chalés são característicos da região santista, dado que pouco ou nada existe de semelhante no estado de São Paulo, a começar pela capital, sempre tão próxima.

Esses chalés ocuparam, em geral, as regiões pouco valorizadas pela especulação imobiliária, como o Marapé, a distante Ponta da Praia, o proletário Macuco e os morros. Atualmente, pela voracidade da expansão urbana, estão desaparecendo.

Não há um estilo único de chalés ou uma tipologia padrão. Em comum, serem feitos com tábuas de madeira bem aparadas, justapostas, e telhados quase sempre de duas ou quatro águas, cobertos por telhas chamadas “francesas”, padrão desde o ecletismo.

Para representar este estilo, foram escolhidos dois exemplos sobreviventes, situados no Monte Serrat.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Chalé de madeira do Monte Serrat. Há registros de que dataria de 1927. Fotografia de 2011.

Fotografia: Arnaldo F. Marques Jr.



Chalé de madeira do Monte Serrat. Fotografia de 2011.

## Créditos das imagens

### E&M Ensino e Memória Produções Editoriais

- Arnaldo F. Marques Jr.

### Prefeitura Municipal de Santos

- Antonio Vargas
- Candido Gonzalez
- Francisco Arrais
- Marcelo Martins
- Tadeu Nascimento
- Vagner Dantas

### Reprodução de publicações

***Baixada Santista: presença da Engenharia e Arquitetura.*** Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Santos. 2001 (p. 79).

- J. Marques Pereira

***Arquitetura escolar paulista: 1890-1920.*** CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão *et alii*. 1991 (p. 85).

- Carlos Kipnis

## Bibliografia

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. *O discurso do progresso: a evolução urbana de Santos (1870-1930)*. São Paulo: tese de doutoramento apresentada ao Dep. de História da FFLCH da USP, 1989.

ÁVILA, Affonso *et alii*. *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho / Cia. Editora Nacional. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1980.

*Baixada Santista: presença da Engenharia e Arquitetura*. Santos: Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Santos / Empresa das Artes, 2001.

BARBOSA, Gino Caldato. A igreja e o colégio de São Miguel da vila de Santos (1585 - 1759) *in Revista Leopoldianum*, volume XXIII, n.º 64. Santos, 1997.

*Chalé de madeira: a moradia popular de Santos*. São Paulo: dissertação de mestrado apresentada à FAU-USP, 1998.

CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão *et alii*. *Arquitetura escolar paulista: 1890-1920*. São Paulo: FDE - Diretoria de Obras e Serviços, 1991.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos Jesuítas no Brasil *in Arquitetura religiosa: textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: MEC / Iphan, São Paulo: FAU USP, 1978.

FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel / Edusp, 1987.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição: Santos, 1870-1913*. São Paulo: Editora HUCITEC, Santos: Pref. Munic. de Santos, 1996.

SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. 2 vols. 2.ª ed. (primeira edição em 1937). São Vicente: Editora Caudex, 1986.

ZANINI, Walter (org.). *História Geral da Arte no Brasil*. 2 vols. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

## Fontes

Arquivos do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos – Condepa.

Processos Municipais – Arquivo Permanente da Fundação Arquivo e Memória de Santos – FAMS.